



CIRANDA DO MAB: O IMAGINÁRIO INFANTIL NOS MOVIMENTOS SOCIAIS¹

Ana Aparecida Frabetti Valim Alberti²

RESUMO: O artigo pretende entender como se trabalha o imaginário infantil no contexto dos movimentos sociais, no caso específico do Movimento dos Atingidos por Barragens, o MAB, bem como identificar qual é o papel da comunicação na construção desse imaginário. A pesquisa se pautou na experiência denominada Ciranda Infantil do MAB, o espaço de discussão dos “atingidinhos”, valendo-se de procedimentos metodológicos que vão da pesquisa bibliográfica à documental e de entrevista aberta. Concluindo-se que mais do que reafirmar valores humanos de convivência social, a preocupação do movimento é formar novas lideranças que possam dar continuidade à luta dos atingidos.

PALAVRAS-CHAVE: *imaginário infantil; comunicação popular; participativa e comunitária; movimento social.*

¹ Trabalho apresentado em Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Jornalista, mestrande do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PÓSCOM) da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP – SP. E-mail: avalimalberti@yahoo.com.br

Introdução

A partir de pressupostos teóricos com bases em conceitos de imaginário, comunicação popular e movimento social, o artigo busca entender como os movimentos sociais trabalham com as crianças, como se dá o processo de construção do imaginário infantil em um contexto de conflitos e de lutas por direitos. Em que medida e de que formas a comunicação contribui para isso e como se dá a participação das crianças no fazer comunicacional do movimento.

Para responder essas questões focaremos uma experiência denominada Ciranda Infantil do MAB. O MAB é o Movimento dos Atingidos por Barragens que atua em 18 estados brasileiros³ junto a aproximadamente 80 mil famílias, ameaçadas de deslocamento pela construção de barragens e ou reassentadas em novas comunidades, vítimas da inundação de suas terras de origem.

Trata-se de um movimento que se denomina autônomo, de massa, de luta, popular, reivindicatório e político e que tem suas origens no final dos anos de 1970 e no início dos 80, especialmente nas regiões Sul, Norte e Nordeste, com a construção de grandes hidrelétricas como Itaipu, no Paraná; Tucuruí, Pará; Sobradinho, na Bahia, e outras de menor porte como as barragens dos municípios de Machadinho e Itá, divisa do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Dadas as experiências que se tem quanto ao cuidado de crianças enquanto, sobretudo mães, participam de reuniões e encontros, trabalhamos, a princípio, com a hipótese de que a Ciranda Infantil do MAB se constituiria em um espaço de brincadeiras e diversão para permitir maior participação das mulheres envolvidas no movimento. O que, como veremos no decorrer desse artigo, esse é apenas um dos aspectos.

A base conceitual do trabalho se baseou em pressupostos teóricos de autores como Cornelius Castoriadis, Michel Maffesoli, BronislawBaczko e Magali Cunha, no que se refere ao imaginário. Os conceitos de movimento social buscamos em Maria da

³ Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraíba, Ceará, Sergipe, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Rondônia e Pará.

Glória Gohn, Miguel Arroyo e Manuel Castells; e de comunicação popular, participativa e comunitária em Cicília Peruzzo e Paulo Freire.

Para o desenvolvimento do estudo, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a documental. A primeira como base conceitual, como já nos referimos acima. A documental por meio de publicações elaboradas pelo movimento, quais sejam cartilhas, vídeos, cds, site. Bem como utilizamos a entrevista aberta com militantes do MAB.

Ciranda, energia em movimento

A intensificação da discussão sobre a questão de gênero nos seus grupos de base e encontros, nos últimos anos, levou o MAB a buscar estratégias no sentido de promover maior participação das mulheres no movimento, em suas instâncias de debate e decisão política, afirma Liciane Andreoli⁴, membro da Coordenação Nacional e militante na área de formação, desde 2000. Formada em pedagogia, ela é filha de uma família de atingidos pelas barragens de Itá e Machadinho, no Rio Uruguai, construída na década de 1980, na divisa do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Com os pais e irmãos, ela foi obrigada a deixar as terras e mudar para um reassentamento quando tinha nove anos de idade.

A criação da Ciranda Infantil, lembra ela, contemplou essa preocupação do movimento, no sentido de permitir a participação, sobretudo das mães, com quem, “historicamente, fica a tarefa do cuidado dos filhos”, enfatiza. Uma ideia que começou a se implantar mais concretamente desde 2006, por ocasião do 2º Encontro Nacional do MAB, embora afirme haja registro de experiências de educação infantil, mais ligada ao reforço escolar, desde os primórdios do movimento, nos anos de 1980.

Mas foi no processo de organização do 7º Encontro Nacional do MAB, realizado em 2013, que a Ciranda Infantil se consolidou enquanto espaço de participação ativa da criança para reconhecer-se “como sujeito histórico que *está sendo* neste mundo em constante construção”, diferente do senso comum, quando a ela é atribuída a esperança

⁴ Entrevista concedida em 26/11/2014.

do futuro, “acreditamos que nossos meninos e meninas já atuam política e conscientemente no presente [...] não são só o amanhã, mas reafirmam o seu compromisso com a transformação social desde o *hoje*” (ROCHA, 2008, p.40).

Do encontro participaram 120 crianças, filhos e filhas de famílias atingidas de todo o país, que, paralelamente às discussões dos adultos, debateram, de forma lúdica, o tema que norteou o evento “Água e energia com soberania, distribuição da riqueza e controle popular”, como lembra Andreoli. Trabalhar com as crianças temas complexos como o projeto energético do Brasil; a luta contra a privatização da água, da energia, do petróleo; pela diminuição do preço da luz e do gás; os direitos dos atingidos e dos trabalhadores do setor elétrico e petrolífero, debatidos pelos participantes do encontro nacional, conta Andreoli, exigiu dos organizadores um programa pedagógico específico.

No documento, a Ciranda Infantil é definida como espaço de formação política e formação de sujeito, destinado às crianças que fazem parte e constroem o movimento. “Momento de educação não formal com informações e debates de acordo com as pautas do movimento e trabalhos que garantam a construção de valores e princípios articulados ao novo projeto de sociedade da classe trabalhadora”.

Imaginário o que é?

Para entender como se dá a construção do imaginário infantil no contexto do Movimento dos Atingidos por Barragens, se faz necessário também apresentar alguns conceitos teóricos referentes ao termo. De acordo com Magali Cunha, a noção de imaginário surge em relação a tudo que se apreende visualmente do mundo e é elaborado coletivamente. Diz respeito às expressões culturais e se modifica na configuração da identidade que cada cultura produz e sustenta como sua (CUNHA, 2011, p. 33-48).

Para Maffesoli, sociólogo francês, o termo não se reduz à cultura, entendida por ele como um conjunto de elementos e fenômenos possíveis de descrição, embora tenha partes dela. “É o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade”, portanto não se trata de algo racional, sociológico ou psicológico. Trata-se de uma força social de ordem espiritual, “uma construção mental, que se

mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável [...] é cimento social porque estabelece vínculo (MAFFESOLI, 2001, p.74-82).

Segundo o autor, o imaginário coletivo repercute no indivíduo de maneira particular, no entanto o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, “mas sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado [...] é determinado pela idéia de fazer parte de algo”. Assim, partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma ideia de mundo entre o racional e o não-racional. Alimentado por tecnologias, porque “a técnica é um fator de estimulação imaginal”, o imaginário, afirma o autor, enquanto comunhão, é sempre comunicação.

Para Baczko (1985, p.309) o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva; elaborado e consolidado por uma coletividade “é uma das repostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais”. Torna-se inteligível e comunicável através da produção dos discursos nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem (1985, p.311). Informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo a ação, um apelo ao comportar-se de determinada maneira [...] suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando aos indivíduos para uma ação comum”. A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades diz o autor, depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão (1985, p.313).

Segundo Castoriadis o imaginário “é criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’. Aquilo que denominamos realidade e racionalidades são seus produtos” (apud CUNHA, 2011, p.33-48). O ser humano só existe na e pela sociedade, que instaura o seu próprio mundo. Toda sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo. Neste sentido, o imaginário é sempre coletivo porque a história é feita de criações sociais, que são imaginações coletivas (CASTORIADIS, 1981, p.228-243).

No contexto do movimento social

Para entender como se dá o processo de construção do imaginário infantil no MAB é importante definirmos também o que é movimento social, ambiente em que se constitui a Ciranda. Segundo Maria da Glória Gohn (2011, p.335) são ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas da população se organizar e expressar suas demandas. Representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como “força-tarefa”, mas como “campo de atividades e experimentação social”, constituindo e desenvolvendo, o chamado empoderamento de atores da sociedade civil organizada e criando identidades para grupos antes dispersos e desorganizados, assegura.

Miguel Arroyo (2003, p.28-49), destaca que os movimentos sociais nos remetem ao perene da condição humana, quais seja a terra, o lugar, o trabalho, a moradia, a infância, a sobrevivência, a identidade e diversidade de classe, idade, raça ou gênero. Eles se alimentam das velhas e tradicionais questões humanas “não respondidas” e retomam as velhas lutas no que se refere aos direitos humanos mais elementares “perenes não garantidos pelas novas tecnologias, nem pelo instrumental, nem pela sociedade do conhecimento [...] e tantas outras promessas da modernidade e do progresso”. Gerando, assim “um saber e um saber-se para fora [...]”. Os sujeitos que deles participam “vão sendo munidos de interpretações e de referenciais para entender o mundo lá fora, para se entender como coletivo nessa ‘globalidade’ [...] de saberes, valores, estratégias de como enfrentá-lo”.

Para Manuel Castells (2012, 209-230) os movimentos sociais são alavancas da mudança social. Surgem normalmente de uma crise nas condições de vida insuportável à maioria das pessoas, que, por sua vez, move uma profunda desconfiança em relação às instituições políticas da sociedade. Esses dois aspectos induzem às pessoas a tomar seus assuntos nas mãos, “participando em ações coletivas diferentes dos canais institucionais prescritos, para defender suas reivindicações e, em última instância, mudar os governantes” (tradução nossa).

Comunicação participativa

Baczko (1985, p.313) destaca a importância da comunicação na construção do imaginário ao afirmar que a influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades “depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão”.

A comunicação que se faz nos interior dos movimentos sociais, no caso, do MAB, tem suas origens no que Peruzzo (2008, p.367-379) define como comunicação popular, que historicamente também foi denominada alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical, conforme o lugar social do tipo de prática e da percepção dos estudiosos. Denominações à parte, assegura a autora, o sentido político é o mesmo: “uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e participação política com vistas a estabelecer a justiça social”.

Segundo Peruzzo, esse modelo comunicacional se caracteriza não como um tipo qualquer de mídia, mas como “um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares”, com caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo”, termo entendido como as classes subalternas situadas em oposição das classes dominantes, na sociedade, como protagonista principal, “o que a torna um processo democrático e educativo”. Trata-se de um instrumento político das classes subalternas no sentido de externar sua concepção de mundo, “seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa”, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação.

Para Peruzzo, essa linha de comunicação, seja na pesquisa e na prática, se inspira em concepções de Paulo Freire no que se refere à dialogicidade na educação e à defesa da posição transformadora do ser humano no mundo. Segundo Freire (1971, p. 67), o que caracteriza a comunicação, enquanto “este comunicar comunicando-se”, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.

Na comunicação, afirma Freire, não há sujeitos passivos, “os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se *comunicam* seu conteúdo”. Neste sentido, adverte o educador, para que seja eficiente é indispensável ao ato comunicativo o

acordo entre os sujeitos, “reciprocamente comunicantes”. Em resumo, para Freire, a comunicação eficiente exige que os seus interlocutores “incidam em sua, ‘ad-miração’ sobre o mesmo objeto; que o expressem através de signos pertencentes ao universo comum a ambos, para que assim compreendam de maneira semelhante o objeto da comunicação.”

Ciranda, cirandinha, vamos todos revolucionar?

O objetivo da Ciranda Infantil, no contexto do 7º Encontro Nacional do MAB, realizado em 2013, assegura Liciane Andreoli, objetivou reforçar a necessidade de as crianças virem juntas com seus pais e demais famílias no processo de luta pelos seus direitos e por um projeto energético popular “que esteja de fato a serviço do povo brasileiro e não em função do mercado e do lucro”. Por meio de teatro, cartazes, desenhos, textos, rodas de conversa, brincadeiras coletivas, jogos, os atingidinhos, com a mediação dos cirandeiros, militantes do movimento, e a partir de um resgate histórico do MAB, trabalharam os valores que norteiam suas ações e que passam pelo companheirismo, a solidariedade, o amor pelo povo e pela vida, o respeito à cultura, à história e à memória subversiva “símbolo e herança de tanta gente que nos antecedeu” (MAB, 2013, p.20).

Mãe e militante do MAB Ceará, Suerda Almeida afirma que para as mães a ciranda é um espaço de fundamental importância já que fortalece a participação dos pais, e das mães de modo especial. “Podemos deixar nossos filhos para participar dos debates e das lutas de forma mais tranquila e ainda ajuda as nossas crianças a conhecer desde pequenos as lutas do povo e ir formando consciência” (CIRANDA, 2013).

Para Daiane Carlos, coordenadora da Ciranda Infantil no encontro nacional, é importante que as crianças vivenciem no movimento o mesmo que os adultos, ainda que de forma lúdica, bem como discutirem a importância da água e da energia que devem ser vistas como um bem público e não como mercadoria, exemplifica. (CIRANDA, 2013). Começamos a trabalhar com elas a partir da luz, lembra Andreoli, como imaginam de onde vem a iluminação de suas casas e vamos desenrolando até chegar à questão da construção das barragens, de serem atingidas com suas famílias, tentando

fazer com que entendam também o porquê o pai e a mãe têm de sair muito de casa para irem à luta, para a organização.

Andreoli conta que, quando criança, teve muita resistência em aceitar a organização por conta da ausência do pai, liderança comunitária e um dos fundadores do MAB, por ocasião da construção da barragem de Itá, na divisa do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, período em que foram deslocados para outro lugar. Tanto que somente quando jovem “fez as pazes” com o movimento, tornando-se militante.

Já, Michele Christmann⁵, também filha de uma família de atingidos pela construção da barragem de Itá, quando tinha cinco anos, teve sempre uma relação de paixão e participação com o movimento, por conta da atuação do pai. Como lembra, ela cresceu ouvindo as suas explicações sobre a questão do mundo dividido entre socialismo e capitalismo. Ele tentava repassar para nós criancinhas “que não entendiam nada” o que aprendia no movimento. A tentativa do pai foi válida, tanto que Michele passou a se envolver no MAB e a trabalhar com as crianças de famílias atingidas no reassentamento para onde foram realocados.

38

Ao resgatar a história do movimento para os meninos e meninas, o objetivo, afirma ela, era que eles soubessem como chegaram até ali, a luta de seus pais para garantir os direitos das famílias atingidas junto às empresas responsáveis pela construção da barragem. E, neste sentido, valorizassem o processo e mantivessem vivos o histórico da comunidade e a união. Era uma metodologia do próprio MAB, gostosa de trabalhar, ao contrário de ser maçante, afirma, promovia momentos prazerosos, bastante dinâmicos, com espaço para brincar, ler e discutir.

Depois das crianças ela trabalhou com jovens, em um constante e progressivo envolvimento com o movimento. Até que surgiu a oportunidade, via parceria do MAB com a Via Campesina⁶, de cursar medicina em Cuba, o que fez de 2007 a 2014. A ida para Cuba, assegura Michele, teve tudo a ver com sua relação e aprendizado no

⁵Entrevista concedida em 26/11/2014.

⁶Via Campesina é um movimento internacional que congrega o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), MMC, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Pastoral da Juventude Rural (PJR) e Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (Feab), no qual o MAB também se integra.

movimento, desde a infância. “Sempre me espelhei na questão revolucionária, de como construir uma sociedade melhor”. Nesse processo, ela lembra dos materiais de comunicação produzidos pelo movimento, na época eram boletins simples, quase artesanais, dada a dificuldade da impressão, que ela lia tudo e que tinha boa aceitação entre os atingidos.

Como afirma Andreoli, o trabalho com as crianças do MAB hoje vai além do simples cuidado enquanto seus pais participam dos encontros e reuniões, porque visa a formação de futuras lideranças. A proposta é aguçar nelas um sentimento de pertencimento ao movimento, o que se dá por meio da Ciranda Infantil, experiência que se repete em nível regional, estadual e nas comunidades, quando da realização das atividades que reúnem os militantes adultos.

Neste sentido, o coletivo de Comunicação do MAB tem produzido cartilhas, vídeos e recentemente lançou um CD intitulado “Na Ciranda Infantil”, com clássicos da música infantil e outras de cunho mais político, que conclama as crianças a se sentirem pertencentes ao movimento. “Esta é a ciranda do MAB. Aqui eu danço e também faço folia. Sou atingidinho e também participo. Aqui tem brincadeiras e muitos amiguinhos [...] Ciranda do MAB eu gosto de você. Estou aqui brincando até eu crescer”.

Com esse trabalho, lembra JadirBonacina, militante do MAB e idealizador deste e de mais três CDs, com o Grupo Mistura Popular, voltados para os movimentos sociais, “queremos divulgar a música e instigar a criançada a produzir, a gostar do movimento, se sentir parte dele, se sentir um atingindo@”. Além disso, destaca, a proposta é fazer um contraponto a indústria cultural pela qual, afirma, as crianças são bombardeadas todos os dias. Em uma das músicas há a participação de Dandara, uma atingidinha de Minas Gerais.

Nessa linha, o MAB lançou também a cartilha “Grupo Mistura Popular na Floresta Encantada”, de autoria de JadirBonacina, que conta a história de um grupo musical formado por animais que usa a música para desfazer os feitiços lançados sobre os animais da floresta. Nessa aventura, eles ainda dão dicas de preservação do meio ambiente. Tanto o CD como a cartilha estão sendo distribuídos para as comunidades de atingidos de todo o Brasil, onde o MAB atua. Segundo Bonacina, o material atende a

demanda do movimento no que se refere à produção de publicações voltadas especificamente para o público infantil, no sentido de levar as crianças para o centro da arte, dialogando com seu imaginário.

Considerações Finais

O estudo mostrou que a experiência Ciranda Infantil do MAB, tal como foi consolidada em 2013, vai muito além de ser um simples espaço de diversão e de cuidados para que pais e mães atingidos por barragens possam participar de reuniões e eventos, tendo com quem deixar suas crianças. Esta pode ser uma de suas funções, mas seu objetivo maior vem de encontro à preocupação do movimento em formar novas lideranças que deem continuidade à luta pelos direitos dos atingidos e dos trabalhadores dos setores energético e petrolífero. Bem como na construção de um projeto energético popular, em que a energia seja uma produção social histórica dos trabalhadores e não mercadoria para gerar lucro de empresas nacionais e internacionais.

Tal visão e ação do MAB em relação às suas crianças remete ao que Maffesoli (2001, p.74-82) define como imaginário, “o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade”. Trata-se, afirma ele, de “uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável [...] é cimento social porque estabelece vínculo.

“Eu sou um atingidinho, eu sou uma atingidinha”, declaram as crianças, em vídeo⁷ produzido pelo setor de comunicação durante do 7º Encontro Nacional do MAB, em 2013, mostrando um sentimento de pertencimento ao movimento, como já vimos, uma preocupação do MAB no que se refere ao seu público infantil. Do debate em torno do tema geral: “Água e energia com soberania, distribuição da riqueza e controle popular”, promovido pela Ciranda, duas meninas resumiram a questão. “O preço da luz é um roubo, mesmo que a gente tome um banho rápido, ou deixe a luz um pouquinho só ligada. Por isso eles [os adultos] falam sobre a energia, sobre a água, sobre a luz que

⁷ Vídeo pode ser acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=G4U56iGzSSI#t=86>

está muito cara. Eles pensam um jeito de acabar com isso [...] com essa exploração pelos capitalistas”.

Evidenciamos assim que, como afirma Maffesoli (2001, p.74-82), o imaginário coletivo repercute no indivíduo de maneira particular, já que o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, “mas sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado”. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma ideia de mundo entre o racional e o não-racional. Alimentado por tecnologias, porque “a técnica é um fator de estimulação imaginal”, o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação, destaca o autor.

BronislawBaczko (1985, p.313) enfatiza a importância da comunicação na construção do imaginário ao ressaltar que a influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades “depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão”.

Neste sentido, para trabalhar o imaginário das crianças, a partir dos princípios e valores do movimento, que passam pelo companheirismo, solidariedade, organização, entre outros, pela luta de resistência, defesa do meio ambiente e contra a privatização de bens sociais como a água, energia, petróleo, o MAB tem investido em materiais de comunicação específicos para o público infantil.

Os esforços no processo de construção do imaginário dos atingidinhos não param por aqui. A questão das crianças já está abraçada pelo movimento, assegura Liciane Andreoli, e está buscando meios e formas para a implementação do que ela chamou de Coletivo de Educação Infantil, do qual a Ciranda é o carro chefe. Neste sentido, inclusive o MAB mantém, desde 2004, parceria com a Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro (UFRJ), através do Departamento de Educação. E para 2105 está previsto um encontro de formação de cirandeiros, com a assessoria do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), pioneiro no setor de educação infantil no contexto dos movimentos sociais e na experiência de ciranda infantil.

Outra iniciativa que está sendo debatida é a de dispor de uma página do Jornal do MAB, que é distribuído até as barrancas dos rios, como lembra Andreoli, para os

atingidinhos, como forma de incentivá-los em sua produção, cartazes, textos, desenhos, e como subsídio para o debate nos grupos de base.

Se o imaginário, como afirma Baczko, informa acerca da realidade e, ao mesmo tempo, constitui um apelo à ação, intervindo nos processos de interiorização pelos indivíduos, “modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando aos indivíduos para uma ação comum”, as estratégias do MAB, no que se refere ao seu público infantil parecem estar no rumo certo. Liciane, Michele e outros ex-atingidinhos, hoje militantes do MAB, são exemplos de que o imaginário construído em um contexto de luta por direitos pode moldar comportamentos e induzir à ação comum.

Referências

- ARROYO, Miguel G. “Pedagogias em movimento – o que temos a aprender dos movimentos sociais?”. *Currículo sem Fronteiras, Associação Brasileira de Currículo (ABdC)*, Rio de Janeiro, v.3, n.1, jan-jun.2003, pp.28-49,
- BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: Leach, Edmund *et al. Anthopos-Homem*. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, pp. 297-332.
- CASTELLS, Manuel. “Cambiar el mundo en la sociedad de red”. In: *Redes de indignación y esperanza*. Espanha: Alianza Editorial, 2012. pp.209-230.
- CASTORIADIS, Cornelius. “O imaginário: a criação no domínio social-histórico”. *As encruzilhadas do labirinto II. Os domínios do homem*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, pp. 225-243.
- CUNHA, Magali do Nascimento. “Da imagem, à imaginação e ao imaginário: elementos-chave para os estudos em comunicação e cultura”. In: BARROS, Laan Mendes (org). *Discursos midiáticos representações e apropriações culturais*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011. pp -33-48.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- GOHN, Maria da Gloria. “Movimentos sociais na contemporaneidade”. *Revista Brasileira de Educação: ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, Rio de Janeiro, v.16, n.47, maio-ago.2011, pp.333-341.

MAB. *Afirmações políticas do 7º encontro nacional do MAB – água e energia com soberania, distribuição da riqueza e controle popular*. São Paulo, 2013.

_____. *Ciranda infantil fortalece encontro nacional do MAB*. São Paulo, Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/noticia/ciranda-infantil-fortalece-encontro-nacional-do-mab>. Acesso em: 23/12/2014.

_____. *Produção Comunicação do MAB*. São Paulo: MAB, 2014, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G4U56iGzSSI#t=86>. Acesso em: 23/12/2014.

_____. *Mistura popular lança disco para os atingidinhos*. São Paulo, 12 dez.2014. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/noticia/mistura-popular-lan-disco-para-os-atingidinhos>. Acesso em: 23 dez.2014.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. “Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor”. In: *Revista da Universidad de La Sabana*, Bogotá, v.11, n.2, pp. 367-379, dez. 2008.

ROCHA, Gisele Antunes. “Infância, formação e conscientização: o que é a nossa ciranda?” In: *Caderno pedagógico imagens em movimento: textos de aprofundamento e debate*. São Paulo: MAB, 2008, pp.39-40.

SILVA, Juremir Machado. “O imaginário é uma realidade”– entrevista com Michel Maffesoli. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.15, ago.2001, pp.74-82.